



REPÚBLICA DE ANGOLA  
GOVERNO DA PROVÍNCIA DO UIGE

**I- INTRODUÇÃO GENÉRICA**

A Província do Uíge disposto a estabelecer pontes que permitam a celebração de Acordos de gemação com algumas cidades de alguns Países dada a vontade manifestada por aquelas cidades, somos a apresentar os dados necessários que vão permitir o conhecimento real da Província do Uíge e concomitadamente vai facilitar uma óptima escolha nos domínios a intervir. Assim passaremos a descrever os objectivos aos quais se pretende atingir.

A Província do Uíge é uma das regiões mais populosas de Angola e uma das que possui muitas potencialidades do ponto de vista agrícola e industrial. Estes dois sectores sempre constituíram a base fundamental da sua vida económica, desenvolvendo-se inicialmente a agro-pecuária, e, posteriormente, a indústria que no passado, chegou a ser considerada o quarto parque industrial de Angola.

As consequências nefastas da guerra que se verificou durante os últimos 30 anos, desarticularam a economia da Província em todas as suas vertentes. Praticamente todas as infra-estruturas sociais (escolas, postos de saúde, sistemas de fornecimento de água e energia eléctrica, etc.) e produtivas (fábricas, roças de produção agrícola, etc.), foram destruídas, abandonadas ou saqueadas. A sua capital é hoje, uma cidade em ruínas.

O ambiente de devastação que a região apresenta, contrasta com a sua potencial riqueza e a relativa prosperidade alcançada nos últimos anos do período colonial. É uma Província de características essencialmente agrícola, que através da exploração cafeeira, alcançou a partir do ano 1940, um significado particular na economia angolana. Por esse facto, Angola era o quarto produtor mundial de café depois do Brasil, Colômbia e Costa do Marfim.

Na primeira metade da década de 70, a Província do Uíge realizava 2/3 da produção nacional desta cultura.

O sector empresarial era o responsável pela maior parte da produção, embora, a exploração camponesa também tivesse um protagonismo digno de realce. No entanto, após a ascensão do país a independência, com o abandono das fazendas e roças por quase todos os agricultores portugueses e por uma boa parte dos trabalhadores rurais, a produção empresarial decaiu dramaticamente. As tentativas para a recuperação do sector por parte do estado em finais dos anos 70 fracassaram, por causa das dificuldades de gestão, da falta de mão de obra qualificada e não qualificada, das dificuldades do sistema centralizado de fornecimento de materiais e do sistema de propriedade social dos meios de produção.

Ao mesmo tempo, a produção camponesa também entrou em declínio longo, provocado inicialmente, pelo desaparecimento da rede de comerciantes portugueses e agravado pela ineficiência das empresas estatais de comercialização que não conseguiam colocar no mercado os materiais e os bens de consumo procurados pelos camponeses.

A extensão da guerra à toda a dimensão da Província em finais da década de 80, tornou impossível a revitalização do sector cafeeiro, apesar da aplicação de novas políticas consubstanciadas da privatização das empresas estatais de produção de café e a liberalização dos preços desse produtos. O processo de venda e transferência das fazendas estatais para os agentes privados foi interrompido pelo recomeço da guerra em finais do ano de 1992.

Para além de arruinar o sector do café, que significou a perda da principal fonte de rendimentos dos agentes económicos e de receitas da economia provincial, a guerra teve um impacto devastador em todos os domínios da vida social e económica, especialmente após o seu reacender em 1992.

A consequência imediata de todas essas adversidades é a redução da produção do café na ordem dos 70%, o desaparecimento da actividade industrial, o surgimento de um grande número de população deslocada, constituída por grupos muito vulneráveis, física e economicamente, em estado de extrema pobreza num total de 1.383.136 habitantes.

A comparação dos números das principais produções, espelha bem a grandeza da recessão económica que assola a Província nos últimos trinta anos.

## **II- CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA MESOLÓGICA**

### **2.1- Localização geográfica**

A Província do Uíge situa-se na parte norte da República de Angola, limitando-se a norte e a Leste com a República Democrática do Congo ex. Zaire, a sul com as Províncias do Zaire e Bengo. Sob o ponto de vista morfológico distinguem-se duas zonas: o planalto a leste e a mata cafeeíola a ocidente.

### **2.2- Território**

A extensão do território compreende uma superfície de 64.022 Km<sup>2</sup> estendendo-se entre os paralelos 5 50' e 8 20' de latitude sul e os meridianos 14 50' e 17 10' de longitude este de Grinch.

### **2.3 – Clima**

A Província encontra-se confinada numa região designada por “zona tórrida”, de clima predominantemente tropical quente e húmido/sub-húmido, é caracterizado por duas estações bem definidas. A estação das chuvas com início em Setembro/Outubro continua até Maio, sendo os meses de Novembro e Abril os mais chuvosos e a estação seca que vai de Junho à Agosto.

Os valores de precipitação atingem cerca de 1.500 mm por ano. Na estação seca, praticamente não chove, mas há valores elevados de humidade relativa. As temperaturas médias anuais variam entre 22° à 25° Centígrados e a humidade relativa do ar varia entre 75 e 90%.

A altitude varia da seguinte maneira: de 1.300 metros à 800 metros no planalto, de 1.200 metros à 1.100 metros nas serras e nos vales de 800 metros à 600 metros.

Toda a extensão do território da Província dispõe de boas condições edafo-climáticas que propiciam o desenvolvimento da actividade agro-pecuária.

### **2.4 – Minerais**

Encontram-se na Província os seguintes minerais: cobre, cobalto, calcário, enxofre e zinco.

## 2.5 – Hidrografia

### Quadro nº 1 Rios com maior caudal existentes na Província

N/O	Designação	Municípios
01	Rio Cuango	Quimbele e Milunga
02	Rio Cuho	Milunga
03	Rio Cuilo	Alto Cauale, Púri e Pombo
04	Rio Buengas	Pombo, Buengas, Milunga
05	Rio Cauale	Alto Cauale
06	Rio Lucala	Negage e Alto Cauale
07	Rio Nzadi	Damba e Zombo
08	Rio Nsanga	Bungo e Damba
09	Rio Dange	Negage e Dange
10	Rio Loge	Uíge e Ambuila
11	Rio Vamba	Dange e Ambuila
12	Rio Calambinga	Dange e Amuila
13	Rio Luquixi	Uíge e Negage
14	Rio Loé	Uíge e Songo
15	Rio Lulovo	Negage, Alto Cauale e Púri
16	Rio Cagigi	Negage e Uíge

Fonte: Governo da Província do Uíge

## 2.6 – Relevo

A Província do Uíge é uma região bastante acidentada, não diferindo muito das características gerais do País. Toda sua extensão é constituída por grandes zonas montanhosas.

- a) Planaltica – Constituída maioritariamente pela bacia dos Sub-afluentes do rio Zaire, cujas águas correm para o norte. Esta zona é ondulada, mas, com ravinas fundas, principalmente nos rios de maior caudal, não sendo contudo navegável em toda a sua extensão.
- b) Zona da Bacia do rio Mbrige- Situa-se a sudoeste da linha Pete – Mucaba – Songo – Mabaia. Esta zona também é ondulada e de ravinas profundas junto dos rios, baixa e pouco ondulada;
- c) Zona Montanhosa – Abrange o interior da Província, sobretudo dos rios Loge e Dange, assim como as bacias dos afluentes.

É relevante considerar os seguintes aspectos que genericamente constituem o relevo da Província.

\* Um nó-hidrográfico no Negage com altitude de 1300 metros;

\* O planalto central de 1.300 a 800 metros, com vertente para o norte (rio zaire) e sudoeste nos rios (Lucala e Kuanza), sendo que a orla oeste cai abruptamente sobre os vales da bacia dos rios Mbrige, Loge e Dange que vão directamente para o Oceano Alântico.

\* Um conjunto de Serras paralelas no sentido NO-SE, entre os rios da bacia atlântica, com uma altitude de 1.200 à 1.100 metros. Nesta região destacam-se seguintes serras:

Cazundo  
Luege  
Ambuila  
Calambinga  
Quitoque  
Pingano  
Camanga  
Uige  
Mucaba  
Toto Lefunde  
Massarelo  
Quimbumba

Estas serras constituem a linha divisória das bacias hidrográficas mais importantes da Província do Uíge.

## **2.7 - Fauna**

A Província do Uíge é uma região de caça abundante, de uma maneira geral, há por toda parte um pouco de cada espécie de animais incluindo o elefante que pode ser encontrado em manadas nas margens dos rios Loge, Coge, Lucunga e Cuilo.

## **2.8 – Flora**

O território possui grandes machas florestais e bastante arborizada. As regiões cafécolas do Negage, Quitexe, e Damba são típicas, ocupando grandes extensões de matas cerradas com árvores para o corte de madeira. Os Municípios de Milunga, Quimbele e Buengas também constituem importantes produtores de madeira.

### 3- CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA

#### 3.1-População

O último recenseamento populacional data de 1970. A situação excepcional que o país viveu nos últimos 20 anos, não permite a existência de dados actuais fiáveis, sobre a dimensão e distribuição da população.

A população da Província é maioritariamente composta por Africanos de origem Banto e euro-africanos em pequeno número. A população da Província do Uíge é estimada em, aproximadamente, 1.912.861 de habitantes distribuída como indica o quadro nº 2.

**Quadro nº 2 – Distribuição da população por Municípios/1991**

Municípios	População	% da população total
Uíge	281.551	14,75
Ambuíla	37.000	1,94
Songo	65.200	3,42
Bembe	34.000	1,78
Negage	230.180	12,06
Bungo	47.620	1,82
Maquela do Zombo	304.000	15,93
Damba	175.000	9,17
Alto Ca uale	86.391	4,53
Sanza Pombo	103.420	5,42
Dange	57.634	3,02
Quimbele	299.262	15,68
Milunga	53.542	2,80
Púri	42.469	2,22
Mucaba	29.623	1,56
Buengas	65.969	3,45
<b>Total</b>	<b>1.912.861</b>	<b>100</b>

Fonte: Governo da Província do Uíge

#### 3.2- Caracterização etno-Linguística

Embora a língua que predomina toda a costa a maior parte da sociedade da Província seja KIKONGO, existem franges na sua extensão, deferindo de área em área.

Assim, ressalta-se que, no Município de Maquela do Zombo predomina os subgrupos Mbatas. No Município da Damba, encontramos os seguintes subgrupos etnolinguísticos: Bachicongo, Bazombo e Bansoso. No Bembe e Ambuila, os Bassolongos, Bassundi e Bauoyo.

Ao longo destes, é possível registrar-se a grande diferença etnolinguística na expressão das populações, no sentido descendentes do norte a sul, partindo de Maquela do Zombo a Comuna de Sacandica, da Damba, Nsoso, Bungo, as grandes e notáveis diferenças distinguem-se em termos do sotaque ou pronúncia.

Na vertente nordeste, particularmente os Municípios do Púri, Cangola que agregamos ao grupo do Negage e Dange-Quitexe, encontramos, os do Sanza Pombo, Buengas igualmente alguns subgrupos para os Municípios de Milunga e Kimbele, com as seguintes denominações:

- Subgrupos etnolinguísticos do Milunga, Bassosso, Bayaca, Pombo e Bassuku,
- Para o Município de Kimbele encontramos igualmente os subgrupos etnolinguísticos: Bakongo Bassosso, bacano, Balungi e Bayaka, cuja pronúncia vai diferindo de subgrupo para outro.
- Verifica-se porém, casos muito particulares para os Municípios de Cangola, Puri, Negage e Dange-Quitexe em que há existência de subgrupos etnolinguísticos apresentam diversidade linguística como sendo: uma frange de kikongo e outra de kimbundo, pela influência que recebe das Províncias de Malange, KuanzaNorte e Bengo, em que suas populações são predominantemente kimbundos.
- Os Municípios do Songo e Mucaba por influência dos Municípios de Ambuila e Bembe, ao primeiro dos Municípios do Bembe e Damba, ao segundo apresentam características etnolinguísticas aproximadas, contendo o do Songo alguns subgrupos tais como os bahumbo, bawando e bayembo, sendo este último maioritário.
- Apesar de grandes particularidades existentes entre estes subgrupos etnolinguísticos reconhece-se outrossim, a existência de alguns aspectos em comum, do Dange à Maquela do Zombo e do Bembe à Cangola sob o ponto de vista de usos e costumes.
- Por exemplo a existência dos subgrupos etnolinguísticos (Bassosso) nos Municípios da Damba, Sanza Pombo, Milunga

- e Quimbele, dá-nos logo a entender que esta pequena etnia foi ramificando-se uma determinada área para aqueles Municípios.
- Este é um sinal de partilha ou semelhança dos mesmos hábitos, usos e costumes quiçá a mesma cultura para todos os Municípios que fazendo Uíge em todo.

## 4- CARACTERIZAÇÃO INSTITUCIONAL

### 4.1- Política administrativa

A Província do Uíge tem como capital a cidade com o mesmo nome, que se situa na parte centro-sul da Província, perto da fronteira com o Kuanza Norte. Está dividida administrativa em 16 Municípios e 31 Comunas, conforme o quadro que se segue:

**Quadro nº 3 – Municípios da Província do Uíge**

Municípios	Comunas
Uíge	
Ambuíla	Quipedro
Songo	Quinvuenga
Bembe	Lucunga e Quimaria
Negage	Dimuca e Kisseque
Bungo	
Maquela do Zombo	Quibocolo, Béu, Cuilo Futa e Sacandica
Damba	Nsosso, Lêmboa, Camatambo e Petecusso
Cangola	Caiongo e Bengo
Sanza Pombo	Alfândega, Cuilo Pombo e Uamba
Quitexe	Aldeia Viçosa, Vista Alegre e Cambamba
Quimbele	Icoca, Cuango e Alto Zaza
Milunga	Macocola, Macolo e Massau
Púri	
Mucaba	Uando
Buengas	Buenga Sul e Cuilo Cambozo

Fonte: Governo da Província do Uíge

## 5- CARACTERIZAÇÃO ECONÓMICA

A Economia da Província baseia-se fundamentalmente em 2 Sectores, a agricultura e comércio. A indústria não representa uma percentagem elevada, porque das 412 Unidades antigamente existentes foram destruídas e saqueadas. Estes sectores empregam a maior parte da população e



garantem o sustento das famílias. Em termos de estrutura é assim que vai revelando ao longo da leitura.

No passado o comércio estava estreitamente ligado a comercialização do café e outros produtos agrícolas. Uma rede de comerciantes portugueses comprava estes produtos nas aldeias e povoações, vendia matéria prima, equipamentos e bens de consumo aos produtores agrícolas concedendo-lhes créditos.

Estes comerciantes locais por sua vez, eram financiados pelos bancos e jogavam um papel de intermediários entre o sector agrícola e as grandes companhias de comércio a nível nacional. Após a independência, este sistema de comércio desapareceu em consequência da fuga dos portugueses.

A extensão da guerra á Província em meados da década de 80, agravou ainda mais a actividade comercial. Outro factor que contribuiu fortemente para a derrocada da actividade comercial e para o não relançamento do sector na Província, foi e continua a ser a falta de crédito bancário aos agentes económicos na sua generalidade.

### **5.1- Comércio Interno**

O comércio interno é desenvolvido principalmente pelo mercado informal e em quantidades insuficientes para satisfazer a enorme procura de bens e serviços por parte das populações.

A gama de produtos de consumo oferecidos pelos comerciantes é igualmente insuficiente.

Nesta conformidade, não existem estabelecimentos comerciais de grande e média dimensão, existindo apenas pequenas cantinas espalhadas por toda a Província.

A fonte de abastecimento do mercado local é a Província de Luanda, de onde provêm, a preços muito altos, os seguintes produtos: açúcar, leite em pó, latarias, arroz, sal, bebidas alcoólicas e espirituosas.

### **5.2- Hotelaria**

Existem na Província 7 grandes Hotéis, estando dois situados na cidade do Uíge e três na do Negage, todos paralisados, ou seja, não existem unidades hoteleiras em funcionamento na Província do Uíge.

### **5.3 – Indústria**

Este sector constitui uma das bases fundamentais da capacidade económica da região e encontra nas indústrias de construção, alimentar, bebidas e tabaco, os seus principais componentes.

Durante o período colonial desenvolveu-se muito rapidamente, logo a seguir a agro-pecuária, levando naquela altura, a Província do Uíge a ser classificada em quarto lugar no universo do parque industrial de Angola.

A situação adversa a que o País esteve submetido durante aproximadamente 30 anos, desarticulou o sector conduzindo a que, de um modo geral, não seja observada com relevância a prática dessa actividade na Província.

Este sector, após a ascensão do país á independência, foi-se degradando rapidamente chegando a atingir os 100% na escala da destruição.

A título de exemplo, das 412 unidades existentes até a proclamação da independência do País, hoje apenas funciona uma padaria industrial das 106 anteriormente existentes.

É importante também referir que existem pequenas unidades de produção cujo equipamento encontra-se em estado praticamente obsoleto, portanto, fora de serviço.

Estas unidades de produção estão paralisadas ou semi paralisadas devido a falta de investimentos adequados e regulares, que possibilitem a reabilitação das suas infra-estruturas produtivas e administrativas, a aquisição de materiais de reposição ou de substituição e até de matérias primas.

A semelhança do que se verifica nos outros sectores, estiveram na base desse retrocesso em termos de desenvolvimento económico, a ausência de políticas adequadas que provocaram um desinvestimento no sector, a guerra e a fuga maciça quer dos antigos proprietários da maior parte das unidades industriais, quer de todo capital humano especializado então residente na Província.

O parque industrial da Província do Uíge, destruído em 1992, era constituído por industriais orientadas principalmente para o descasque do café, produção de óleo de palma e processamento de outros produtos

agrícolas, mais algumas empresas de materiais de construção como, serrações e cerâmicas.

Destacava-se na altura uma Fábrica de gasosas (Bangola do Norte), uma fábrica de sumo de frutas e enchimento de vinho (Companhia Industrial de Frutas de Angola), uma fábrica de calçados, uma empresa de vulcanização de pneus (Vulcap), uma pequena empresa de Metalomecânica, uma Gráfica, uma cerâmica, uma cerração, uma fábrica de mobiliário (FAMOE) e algumas unidades de panificação.

Nas outras sedes de Municípios, existiam unidades de descasque de café, de produção de óleo de palma, cerâmicas, serrações, pedreiras, padarias e outras empresas de pequena dimensão. No Negage existia uma fábrica de torrefacção de café e uma gráfica, ambas paralisadas antes de 1992. Em Sanza Pombo existia uma fábrica de descasque de arroz, que funcionou até 1998.

Objectivando repor a capacidade produtiva da Província, ao abrigo da Lei das Privatizações (Lei nº 10/94 e Decreto Lei nº 60/91 de 18 de Outubro), o Governo da Província privatizou todas as unidades industriais. Entretanto, esse processo não surtiu os resultados esperados e acabou por agravar ainda mais o já débil estado do sector.

## **6- TRANSPORTES CORREIOS E COMUNICAÇÕES**

Este sector é caracterizado fundamentalmente por um insignificante parque automóvel pesado e ligeiro, pela desactivação das estações de telecomunicações, dos correios, das estradas e das pontes.

Através da INATEL foram repostas as estações de rádio de comunicação em todas as sedes municipais.

Os correios funcionam apenas na cidade do Uíge e as estradas e pontes apresentam um estado de degradação bastante acentuado.

### **6.1- Estradas e Pontes**

De acordo com os dados estatísticos disponíveis, a rede rodoviária da Província do Uíge foi construída até finais de 1971, é constituída por Rodovias principais e secundárias e comporta 6000 Km.

#### Quadro nº 4 – Rede rodoviária da Província do Uíge

DESIGNAÇÃO	Km
<b>Rodovias Principais</b>	
Estradas asfaltadas	494
Estradas terraplenadas	70
Estradas de terras beneficiadas	924
Estradas de terras não beneficiadas	258
Sub-total	1.746
<b>Rodovias Secundárias</b>	
Estradas de terra beneficiada	138
Estradas de terra não beneficiada	4.116
Sub-total	4.254
<b>Total</b>	<b>6.000</b>

FONTE: Gabinete do Plano do Governo Provincial do Uíge

As sete estradas existentes, a julgar pela dimensão territorial da Província, apresentam-se insuficientes em termos de numero, extensão e qualidade. Este quadro é agravado com o facto de apenas 8,2% delas estarem asfaltadas, sendo os restantes 91,8% constituídas por estradas de terra batida.

Assim, facilmente se pode inferir que a infra-estrutura rodoviária da Província do Uíge apresenta características muito subdesenvolvidas que em pouca medida podem concorrer para o desenvolvimento da Província pelo que, é urgente a reabilitação dos eixos existentes e a construção de novos, de modo a possibilitar a rápida e fácil circulação de pessoas e bens, factor importantíssimo para o desenvolvimento sócio-económico de qualquer região.

#### 6.2- Principais Eixos Rodoviários

- Uíge – Negage – Sanza Pombo – Quimbele (asfaltada);
- Uíge – Bungo – Damba, com saída para Bembe – Maquela do Zombo com saída para Sacandica Mbanza Congo (terraplenada);
- Uíge – Songo – Toto com saída para o Ambriz (asfaltada até Songo);
- Uíge – Negage – Ndalatando – Luanda (asfaltada);
- Uíge – Quitexe – Aldeia Viçosa – Vista Alegre com saída para Luanda (totalmente asfaltada mas, em mau estado de conservação).

#### 6.3- Pontes

A quase totalidade das pontes da Província está destruída por acção da guerra, necessitando todas elas de reabilitação principalmente as sobre os rios Cuilo, Lucunga e Nzadi Quixi.

**Quadro nº 5 – Pontes metálicas mais importantes da Província**

N/O	RIOS	ITINERÁRIO	LARGURA	CUMPRIMENTO	CAPACIDADE
01	LOMBA	NSOSSO-CUILO POMBO	4.10m	18.40m	40 Toneladas
02	CUILO II	PÚRI-SANZA POMBO	4.70m	36.70m	40 Toneladas
03	LUQUELA	BEMBE-MABAIA	3.60m	36.59m	40 Toneladas
04	LOANGO	CUIMBA-MAQUELA	4.10m	22.00m	40 Toneladas
05	LUCUNGA II	SONGO-MUCABA	4.10m	36.00m	40 Toneladas
06	LUCUNGA I	UÍGE-MUCABA	9.20m	53.74m	40 Toneladas
07	DIU III	BUNGO-NEGAGE	5.45m	17.00m	40 Toneladas
08	LUCUNGA III	SONGO-LUCUNGA	4.20m	47.85m	4º Toneladas
09	NZADI	MAQUELA-BÉU	4.70m	65.00m	40 Toneladas
10	CUILO III	SACANDICA-QUIMBELE	4.70m	36.70m	40 Toneladas
11	TASSA	SACANDICA-QUIMBELE	8.50m	43.00m	40 Toneladas
12	LUIDI	MAQUELA CUIMBA	4.20m	25.00m	40 Toneladas
13	QUIMBUNGO	MAQUELA-QUIMBATA	3.00m	10.00	40 Toneladas
14	FULEGI	MAQUELA-QUIMBATA	4.20m	12.00m	40 Toneladas
15	LOVO	BEMBE-LUCUNGA	4.10m	12.00m	40 Toneladas
16	LUCUNGA IV	BEMBE-LUCUNGA-DAMBA	7.29m	111.50m	40 Toneladas
17	NZADI QUIXI	NSOSSO-DAMBA	4.70m	22.00m	40 Toneladas

**FONTE:** Governo da província do Uíge

#### **6.4- Pistas**

Existem varias pistas espalhadas pelas mais diversas localidades, mas, com muitas dificuldades e a necessitarem de reabilitação, estão em funcionamento as do Uíge, Negage, Maquela do Zombo e Quicua em Milunga.

#### **6.5- Telefones**

A rede telefónica é limitada, apenas a cidade do Uíge funciona com um número muito reduzido de consumidores e uma operacionalidade precária.

#### **6.6- OBRAS PÚBLICAS E URBANISMO**

Este é o sector que ao longo dos últimos 25 anos mais profundamente foi afectado pela guerra, principalmente na destruição da rede rodoviária, das infra-estruturas administrativas e das pontes. As estradas secundárias e terciárias encontram-se em muito mau estado de conservação. A pista do aeroporto da cidade do Uíge necessita de ampliação para poder suportar aviões de grande porte, enquanto que a da cidade do Negage clama por reabilitação urgente. Os troços que ligam a cidade do Uíge ao interior da Província necessitam de uma intervenção por forma a permitir que a circulação de pessoas e bens seja um facto, pois a normalização da vida neste sector passa necessariamente pela reabilitação e construção de infra-

estruturas de saneamento básico, bem como de um estudo de urbanização do actual sistema urbanístico dos Municípios da Província e também pela construção de casas económicas que possam numa primeira fase atenuar as grandes dificuldades que o sector enfrenta.

Em termos de vias de comunicação é necessário e urgente a reabilitação das vias principais e secundárias com destaque para os seguintes troços:

### **Vias principais**

- o Uíge – Maquela do Zombo – Quimbele;
- o Uíge – Quitexe – Bengo;
- o Maquela – Bungo – Songo;
- o Milunga – Quimbele;
- o Uíge – Mukaba (missão incluindo 6 pontes);
- o Maquela do Zombo – Mbanza Congo;
- o Kangola – Milunga;
- o Uíge – Bembe;
- o Puri – Kangola;
- o Sanza Pombo – Buenga Sul – Buenga Norte – Cuilo Cambozo;
- o Negage – Dimuca – Cangola – Sanza Pombo – Buengas.

### **Vias secundárias**

- o Songo – Lucunga – Bembe
- o Damba – Lucunga

Enquadra-se ainda no objecto do sector o asseguramento da circulação de pessoas e bens entre:

- ⇒ Uíge – Negage – Puri
- ⇒ Uíge – Songo
- ⇒ Uíge – Quitexe

## **7- LINHAS GERAIS PARA O DESENVOLVIMENTO A CURTO, MÉDIO E LONGO PRAZO DA PROVÍNCIA**

Para o seu desenvolvimento a Província do Uíge conta com recursos suficientes indispensáveis que resumidamente podemos enumerar:

## 7.1- Um enorme potencial Hídrico: Principais rios

Bacia dos afluentes do rio Zaíre: Cunago, Buenga, Cuilo, Zadi, Luquiche, Cunho, Cauale.

Bacia dos afluentes do rio Cuanza: Lulovo e Lucala

Bacia Atlântica: Rios Mbrige, (e seus afluentes, Zadi Andimba, Bite Bite, Coge, Lucunga, Loge e Dange que na foz se designa por Dande.

Os valores pluviométricos oscilam entre 9000 á 1750 mm e a temperatura média varia entre 21° c no tempo chuvoso 13 a 18 no tempo frio (cacimbo).

## 7.2. POTENCIAL MINEIRO

Em termos de prospecção e a exploração mineira a província do Uíge considera-se virgem. Com pouca intensidade foram exploradas as Minas de cobre de Mavoio em Maquela do Zombo e Mármore no Bembe. Muito recentemente iniciou-se a exploração do asfalto.

Dados disponíveis dão conta de existência na Província dos seguintes Mineiros (ver o quadro nº 2).

### QUADRO Nº 2 POTENCIAL MINEIRO DA PROVÍNCIA DO UÍGE

Nr	TIPO DE MINERAL	LOCALIZAÇÃO
1	Cu (Cobre)	Avoio – M. Zombo, Tetelo Damba
2	Cu (Cobre)	Tetelo - Damba
3	Cu, Pb (Cobre e chumbo) Baua - Damba	
4	Cu, Zn, Pb (Cobre, Zinco e Chumbo)	Mbilo - Damba
5	Cu, Zn, Pb (Cobre, Zinco e Chumbo)	Sefundo- Damba
6	Pb, V (Cumbo e vanádio)	Lueca - Damba
7	Pb, V (Chumbo e vanádio)	Quimbumba – M. Zombo
8	Cu (Cobre)	Sumba e Kunganga, Bembe
9	Cu (Cobre)	Lucossa Dongue, M. Zombo
10	Zn (Zinco)	Nguingo – M. Zombo

### MINERAIS COM RESERVAS NÃO DETERMINADAS

Nr	TIPO DE MINERAL	LOCALIZAÇÃO
1	Zn (Zinco)	Luide – M. Zombo
2	Talco	Quitexe – já explorada
3	Talco	Rio Lucunga, Uige e Negage
4	Laterite	Negage – já explorada

### OCORRÊNCIAS DISPERSAS

Nr	TIPO DE MINERAL	LOCALIZAÇÃO
	Zn (Zinco)	Luide – M. Zombo
2	Cu, Zn, Pb (Cobre, Zinco e Chumbo)	Quinzo, Quibocolo – M. Zombo
3	Pirite	Catuhula - Uige

### EXISTÊNCIA DE PEDRAS PRECIOSA

Nr	TIPO DE MINERAL	LOCALIZAÇÃO
1	Diamante (D)	Quimbele, Bacia do Cuango
2	Diamante (D)	Macocola, Bacia do Cuango
3	Diamante (D)	S. Pombo – Rio Lufige
4	Diamante (D)	Cangola
5	Diamante (D)	Rio Lucunga, Bungo e Negage
6	Diamante (D)	Sacandica – M. Zombo
7	Diamante (D)	Béu M. do Zombo

### PEDRA CALCÁRIA E MÁRMORE

Nr	TIPO DE MINERAL	LOCALIZAÇÃO
1	Mármore e pedra calcária	Mun. Uige (gde reserva)
2	Pedra Calcária	Cabala, Cangundo - Negage
3	Pedra calcária e mármore	Ambuila (grande reserva)
4	Mármore	Bembe (gde reserva)
5	Pedra calcária	Songo
6	Argila	Negage, Uige e Songo
7	Caulino	Damba, M.Zombo, Bungo, Quitexe

Quanto aos recursos para o desenvolvimento, a Província do Uige conta também com um know—how humano com a seguinte composição: (ver o Mapa nº 3) bem como com recursos naturais espelhados nos mapas em anexo (Vide mapa nº 3)

### MAPA Nº 3. DISPONIBILIDADE DOS RECURSOS QUALIFICADOS

CATEGORIA PROF.	M	F	TOTAL
Técnicos superior	61	2	63
Técnicos médios	2.130	495	2.625
Carreira técnica	37	2	44

### 7.3. RECURSOS NATURAIS DE ORIGEM AGRÍCOLA E PECUÁRIA

A Província do Uíge é eminentemente agrícola. As suas características ecológicas a abundância de água, além de lhe proporcionarem condições ideais para a cultura de café, conferem-lhe, também, por outro lado, vastas



possibilidades de atingir um nível de ampla diversificação agrícola e industrial.

A economia da Província tem como base agricultura produzindo quase tudo que cresce no mundo tropical, inclusive houve ensaios bem sucedidos de culturas de origem europeia como videiras, soja e trigo. A província produz Café, madeira (segunda reserva de Angola), Cana de açúcar, citrinos (toranges, laranjas, tangerinas, limões), arroz, genguba, bananas, mandioca, abacates, ananases, abacaxis, batata rena e doce, mamões, maracujá, etc. Existe condições para produzir e exportar o cacau.

Em relação a pecuária também as condições são favoráveis contando com os planaltos de Ambaca que se estendem ate ao Negage, os do Bungo, Damba e Sanza Pombo. No passado já se exportou inclusive gado criado na Província.

No ramo da extracção mineira a Província conserva grandes reservas de Cobre, Colbato, Zinco, Mármore , Diamantes e outros. Em termos de infra-estruturas rodoviárias e áreas têm ligações com a Capital do País e conta com estradas circuláveis em condições precárias que ligam os Municípios e Comunas com a sede da Província.

Quanto as pistas tem 3 grandes pistas (Negage, Uíge, e Kikua em Kimbele e Toto no Bembe) e centenas espalhadas em sedes Comunais, Municipais e Fazendas. Todos estes factos referenciados conferem grandes oportunidades para o desenvolvimento da Província, podendo conseguir a curto prazo auto-suficiente alimentar para si e expandir para outras Províncias, já que as condições naturais o permitem.

O grande calcanhar de Aquiles é a falta de recursos financeiros e um Know-How a altura das exigências da conjuntura para a Província alcançar o nível de desenvolvimento que almeja. Apoios estes que deveriam abranger o equipamento agrícola, bem como a reactivação da rede de transportes e telecomunicações, reabilitação da rede viária, infra-estruturas aeroportuárias e outros sectores indispensáveis a Província incluindo a disponibilização de linhas de créditos.

## **8- SITUAÇÃO SOCIAL**

Durante a guerra a sede da Província albergou cerca de **32.874** agregados familiares num total de **197.192** Habitantes. Uma grande parte da População em nº por determinar com exactidão se encontra em Luanda.

As cifras citadas cerca de 90% já regressou as suas zonas de origem sem apoio prometido para a sua reinserção. Os que permanecem estão concentrados no campo de acolhimento de Quituma (268) e Bengo em Negage (452), nas imediações da cidade do Uíge e outros se integram na comunidade cidadina.

No que concerne aos habitantes da Província que se encontram no exterior a Província espera-se receber e já começou a receber cerca de 16.616 refugiados provenientes maioritariamente do Congo Democrático. Entre estes refugiados já regressaram a Província 1620.

Quanto aos desmobilizados das Ex-forças militares da UNITA regressaram a Província após assinatura de memorando de entendimento do Luena 2.828 desmobilizados, com 4.498 dependentes num total de 7.326 desmobilizados.

Nesta conjuntura a situação social caracteriza-se de seguinte forma:

- Regresso espontâneo de deslocados sem apoio prometido por enquanto
- Apoio insuficiente dos que optaram ficar
- Dificuldades na área de fixação (falta de residências; meios de trabalho; dificuldade de circulação por suspeita de minas)
- Ausência de actividades comerciais e mercados
- Estradas esburacadas e pontes partidas
- Ausência de meios de transporte, infra-estruturas escolares e de saúde, inexistência do pessoal qualificado.

Para os que ficaram sentem dificuldades de adaptação e falta de emprego.

## **9-CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DA PROVÍNCIA ANTES DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL**

Uíge, parcela do actual território angolano, outrora pertencente a uma das formações sócio – económicas de África Central e, não só, uma das mais organizadas e estruturadas do ponto de vista económico político, social e cultural, pode-se afirmar que a evolução histórica do Uíge remota a partir desta formação –O Reino do Congo.

As mudanças que o Reino do Congo sofreu no decorrer das suas múltiplas fases do seu desenvolvimento mormente no respeitante a sua formação,

evolução, colonização, estão intrinsecamente ligadas ao actual panorama político e geográfico que Uige, hoje apresenta.

O Kongo, Reino incontestável nos séculos que se seguiram após a sua formação (século XII), conheceu um desenvolvimento prodigioso.

Contudo, o drama que assolou o continente, a presença colonialista, mudou o panorama que o Kongo apresenta. A espoliação das suas riquezas e o bem mais precioso que a África possuía – o homem foram objecto de uma feroz e hedionda exploração que a história da humanidade jamais registou.

Descoberto o Ngola, os interesses dos portugueses viraram-se mais para esta região. Assim sendo, o Kongo é esquecido, isolado, roendo-se em lutas intestinais, sem administração e sem coesão.

Esta situação mantém-se quase até ao século XX.

O interesse que a Europa dedicou a África no último quartel do século XIX fez com que Angola se recorda do Kongo. A Conferência de Berlim (1884-1885) escoteja o velho Reino, dá um pedaço a França, forma com outro um fictício Estado independente do Kongo, em breve transformado em colónia Belga e deixa-nos uns restos (1) Português, Carmona, 1958.

Foi com estes restos que se formou o ex-Distrito do Congo Português. Iniciada a ocupação efectiva e militar com o século XX, completada mais tarde com a civil, depressa se completou sem necessidades de grandes lutas em algumas áreas renhidas em outras, que só a superioridade técnica militar dos invasores colonialistas soube sobrepor-se e por outro lado fruto das lutas intestinais atrás já descritas contribuíram para o desmoronamento do Reino.

A abolição na Conferência de Berlim, dos direitos históricos, como condição de posse do Kongo Português que foi organizado por Decreto de 31 de Maio de 1887 e instalado em Julho desse mesmo ano.

Para Capital escolheu-se Cabinda onde em 14 de Julho desembarcou o 1º Governador, o Capitão-Tenente NEVES FERREIRA.

O Distrito abrangia a actual Província de Cabinda, os territórios da margem esquerda do rio Zaire, até ao rio Loje, ao sul, e até ao Cuango a leste.

A concretização da medida legislativa que criou o Distrito teve lugar em breve com a ocupação efectiva do território que, se encontrava praticamente abandonado.

Na verdade, o Distrito foi legalmente constituído, raros eram ainda os pontos ocupados. A parte de algumas feitorias comerciais no litoral e na margem esquerda do Zaire, existiam apenas as missões religiosas do Pinda, em Szaire e de Sá Salvador e duas ou três casas comerciais no Bembe.

A ocupação militar e administrativa do Distrito fez-se com certa lentidão o que muito contribuiu para a constante exiguidade dos efectivos empregues e das guarnições dos Postos montados. Lentamente, porque as condições da época não permitiam outra coisa, a verdade é que a ocupação portuguesa foi-se tornando realidade com a criação de alguns fortes militares e o esmagamento das constantes sublevações dos nativos que se rebelavam.

Por exemplo:

- Os nativos da Damba e Bembe opuseram-se ao pagamento de imposto de Palhota ou Cubata.
- As povoações de regiões de Quivuenga, situadas ao sul do Bembe, em Junho de 1912 revoltaram-se atacando a fortaleza e ameaçaram a missão protestante de Mabaia que se encontrava situada entre Quindje e Bembe, missão essa que se instalou em 1905.
- Em 1913 registaram-se combates na Região de Sanza Pombo quando se procedia a tentativa de ocupação da área, tendo sido morto num desses combates, o Capitão e o Sargento MAREIROS NETO.
- Em 1917, apesar de derrotas, devido da superioridade tecnológica, bélica –militar dos Portugueses, as populações da Região do Negage, mais concretamente as do Quituia e Dimuca ofereceram no princípio resistência ao invasor e foram as últimas dessa Região a serem submetidas.
- Ainda em 1917, os nativos do alto Cauale rebelaram-se e a onda de sublevação vinda da vizinha região do Cuango. Sobas mais influentes procuraram mobilizar as suas populações que, em Outubro, iriam iniciar os ataques ao Posto de Alto Cauale. Aqui, a guarnição portuguesa numa primeira fase repeliu os primeiros ataques mas a fúria dos nativos manteve-se e a 12 de Outubro, os portugueses tiveram que deixar o Posto em debandada e dirigiram-se para Sanza Pombo.

Os Postos militares passavam a civis ou estendiam-se quando o local não era propício à fixação pacífica.

Os Comandos militares transformaram-se em circunscrições civis que progrediram até se tornarem em Concelhos.

Em 1913 á 1915, registou-se o período mais agitado e turbulento nesses territórios, com a insurreição do soba Buta, antigo aluno protestante de S. Salvador.

Na época, a ilha de S. Tomé era um dos maiores produtores mundiais de cacau e não poucas Companhias lhe levantaram os Chocolateiras Ingleses, rivais dos portugueses. E o Cacau de S. Tomé era cultivada com a mão de obra arrancada no Kongo onde existiam (3) missões protestantes Ingleses: S. Salvador, Quibocolo e Mabaia.

Assim, Buta, além de ter incitado os nativos de não pagarem os impostos principalmente o de Cubata ou palhota pressionava também os Sobas a não permitirem o angariamento de pessoal para S. Tomé. É aqui onde residiam as bases ou causas da rebeldia dos nativos.

Essa insurreição notabilizou-se pelo facto de ter retardado e impedido parcialmente por um tempo a penetração portuguesa na região.

Para a Província do Uige a revolta foi vivida intensamente nos Municípios de Maquela do Zombo, Damba, Sanza-Pombo, Quimbele, Buengas, Bembe, Bungo, Mucaba, Milunga, Negage e Kangola. Essa revolta despertou as consciências de outras áreas da actual Província do Uige, pois, servindo de exemplo, posteriormente, outras sublevações tiveram lugar como as de Mbianda Ngunga, Mbemba Ngango e outras.

Recuando um pouco no tempo e no espaço, desde 1887 data que foi localizado em Cabinda a sede do Congo Português, incluía, além de Cabinda, os territórios compreendidos entre os rios Loge, Zaire e Kuango, até 1961, ano em que o Congo voltou a constituir nova alteração que criou o ex-Distrito do Uige, com sede em Carmona. Houve transformações de grande vulto concernentes à sua divisão administrativa. Assim sendo, Cabinda que foi a Sede do Congo português em 1887, em 1917 a sede do Distrito do Congo passou para Maquela do Zombo, deixando Cabinda de exercer a chefia do território.

Em 1919, foi dividido o Distrito ficando Cabinda e as Ilhas do Zaire a constituir o Distrito de Cabinda.

Em 1921 voltou-se à divisão anterior, com a diferença de Cabinda ficar como Intendência.

Em 1922, de novo formaram dois Distritos, mas desta vez dos denominados Congo e Zaire absorvendo este a Intendência de Cabinda.

Com a criação da Província de Luanda, em 1934, o Distrito do Kongo foi incorporado naquele.

Em 1946, foi formado o Distrito do Uige, com sede no Uige, mas dependendo directamente da Província do Congo. E, em 1961, o ex-Distrito foi criado pelo Diploma Legislativo Ministerial nº 6, de 1 de Abril de 1961, que desdobou o antigo Distrito do Kongo em dois UIGE e ZAIRE.

Foi com o estatuto de 1961 que se criou o Distrito do Uige com sede em Carmona que chegou até 1975, ano da proclamação da Independência de Angola.

Fazendo parte global da Província de Angola colonial, passando pelas mesmas agruras em relação as outras regiões que foram vítimas por parte de Portugal da ocupação efectiva, a instalação de roças de café nesta Província e a introdução do trabalho forçado e de contrato aos outrora chamados indígenas, provocou a mais violenta e vil ira das populações contra a exploração colonial.

Foi assim que eclodiu a rebelião de 1961.